

**ESTA ILUSÃO É EMPOLGANTE:
A FORÇA POÉTICA DA PAISAGEM SERTANEJA**

Gabriel Jorge Barbosa dos Santos
gabrieljorgebarbosa@gmail.com

A obra *Os Sertões*, do escritor, sociólogo e geógrafo Euclides da Cunha (1866-1909) traz aos leitores um completo panorama do sertão brasileiro, tomando como cenário um dos episódios mais conturbados da vida política brasileira, a Guerra de Canudos, ocorrida entre os anos de 1896 e 1897.

Em um primeiro momento de leitura, observa-se a preponderância de traços que caracterizam a obra como majoritariamente descritiva. A obra de Euclides da Cunha prima pelo caráter jornalístico, da testemunha ocular dos fatos e mais: do cenário que acomoda os fatos. Euclides da Cunha então apresenta ao leitor (provavelmente cidadão, habitante do litoral brasileiro) o sertão nordestino, mais especificamente: o sertão baiano: árido, improdutivo, porém agente de subjetividade. E a pergunta é clara: por que o *sertão*? Onde reside esta poética tão específica, numa paisagem que se apresenta tão repulsiva?

A polêmica em relação a *Os Sertões* é velha conhecida no ambiente acadêmico e da crítica literária: que categoria esta obra ocupa? Ciências sociais, geografia ou antropologia? Categorizá-la como uma obra literária parecia estranho aos críticos. Onde reside a literariedade desta obra? A “ausência” de um enredo a descaracteriza como obra literária?

Euclides da Cunha apresenta o sertão aos leitores através de soluções sintáticas complexamente engendradas. A apresentação do sertão brasileiro em Euclides é, de fato, uma criação, uma inauguração poética de uma paisagem. Observemos um trecho descritivo da paisagem do sertão, contida na seção *A Terra*⁴⁵:

No entanto quem se abalança a atravessá-lo, partindo de Queimadas para nordeste, não se surpreende a princípio. Recurvo em meandros, o Itapicuru alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas do Jacurici debruam-se de pequenas matas. O terreno, areento e chão, permite travessia desafogada e rápida. Aos lados do caminho ondulam tabuleiros rasos. A pedra, florando em

⁴⁵ A obra *Os Sertões* está dividida em três grandes seções, respectivamente: *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*.

lajedos horizontais, mal movimentada o solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem.

Veem-se, porém, depois, lugares que se vão tornando crescentemente áridos. (CUNHA, 2002, p. 7)

O citado parágrafo demonstra a riqueza e a complexidade léxico-sintática da escrita euclidiana. Seu domínio das coordenadas geográficas é completo. Euclides então opta por ordenar o sertão sintaticamente, utilizando-se de figuras de linguagem e de períodos extremamente rebuscados e bem construídos. Aí conseguimos adentrar lentamente na poética euclidiana, a poética do sertão, onde pedras afloram: “A pedra, *florando* em lajedos horizontais, mal movimentada o solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem”. Paulatinamente Euclides da Cunha demonstra seu poder de ficção. Entendamos ficção não só apenas como a construção de uma narrativa, com enredo, nó e desenlace, mas como o ato do *fingere*. A ficção é entendida como modelação. Através da sintaxe, Euclides concede um viés poético a um ponto de vista estritamente científico, ou seja, o sertão é apresentado por palavras, por tensões poéticas. Muitas críticas, algumas até jocosas, foram tecidas em relação à escrita euclidiana, acusada de fantasiosa e não-objetiva. O exercício poético em *Os Sertões* consiste exatamente nesta torção. Afirmamos aqui uma poética do sertão. Tal afirmação não pode conduzir-nos à crença de um sertão “mágico”, dotado de traços positivos. Euclides consegue captar a crueza e a fatalidade sertaneja e fazer disto força poética, num conjunto muito bem estruturado de vocábulos, expedientes e experiências sensoriais. *Os Sertões* é uma obra *também* literária. O crítico literário Luiz Carlos Lima cita, em seu capítulo “O lugar do literário n’Os Sertões”, contido no livro *Terra Ignota*:

É esse excedente que torna a cena literária, ao contrair verbalmente a condensação de um afeto que sobressai além da lenta acumulação das medidas que o autor ia juntando. Mas esse excedente, verbalmente configurado, não transtorna o lugar que lhe fora confiado: o de borda ou contorno do objeto principal – a aferição das propriedades da terra do sertão. (LIMA, 1997, p. 137)

O trabalho poético de transfiguração de uma terra de ninguém para uma terra de ilusão nos interessa enquanto processo de uma construção da paisagem sertaneja pela escrita euclidiana. Vejamos em outro trecho d’*Os Sertões* a força sintático-poética conferida à paisagem sertaneja:

Esta *ilusão* é empolgante ao longe. Veem-se as capelinhas alvas, que a *pontilham* a espaços, subindo a princípio em rampa fortíssima, derivando depois, *tornejantes*, à feição dos pendores; *alteando-se* sempre, eretas sobre des-

penhadeiros, perdendo-se nas alturas, cada vez menores, diluídas a pouco e pouco no azul puríssimo dos ares, até a última, no alto...

E quem segue pelo caminho de Queimadas, atravessando um *esboço de deserto*, onde *agoniza* uma flora de gravetos – arbustos que nos esgalhos revoltos retratam *contorções de espasmos*, cardos agarrados a pedras ao modo de tentáculos constritores, bromélias desabotoando em *floração sanguinolenta* – avança rápido, *ansiando* pela paragem que o arrebatava. (CUNHA, 2002, p. 108)

Este trecho é essencial para compreender-se a poética da paisagem sertaneja. Os verbos, os adjetivos e as locuções definem a fisionomia sertaneja: “ilusão, tornejantes, esboço de deserto, contorções de espasmos, floração sanguinolenta e ansiando”. Tais vocábulos e expressões revelam a crueza da paisagem, sua fraqueza que em verdade é galharda, demonstrando sempre movimentos de agonia e violência. As imagens construídas estão amplamente relacionadas à uma condição violenta da paisagem.

A complexidade e grandeza de um relato, *a priori*, jornalístico, conferem outros significados ao sertão. *Os Sertões* passa a ser visto então como um objeto literário, de signos não só sócio-político-geográficos, mas de signos poéticos. A obra de Euclides inspirou obras como *A Guerra do Fim do Mundo* (1981), do escritor peruano Mario Vargas Llosa e *Veredicto em Canudos* (1970), do escritor húngaro Sándor Márai. Em relação a esta última, nos adentraremos para dissertar brevemente sobre a imagem poética sertaneja refletida na literatura de outro país, compartilhada por outro imaginário. Para esta breve explanação lançaremos mão da imagologia.

A imagologia é uma ferramenta dos estudos de literatura comparada, que consiste em identificar as imagens que um país tem de outro através da literatura. O expediente consiste em analisar o grau de refração destas imagens (ou miragens) criadas (e recriadas) pelo imaginário específico de um país em relação ao outro. Há dois movimentos neste processo imagológico. O primeiro movimento consiste na apreensão de uma imagem de um país. Geralmente este olhar tem como base um recorte específico de uma cultura. É certo que, durante o processo de armazenamento de uma imagem, diversos fatores influem, ocasionando sua deformação. Um destes fatores é o imaginário prévio que um país possui do outro, já condicionando a (de)formação e posteriormente o armazenamento desta imagem. O segundo movimento deste processo imagológico é justamente a refração desta imagem apreendida do outro, através da obra literária.

O livro *Veredicto em Canudos*, publicado em 1970, trata de uma visita ao episódio da Guerra de Canudos. A maioria das personagens são ficcionais, mas estão relacionadas ao episódio. O contexto é simples: estão em uma latada um coronel, uma mulher estrangeira adepta de Canudos e mais dois sertanejos. Grande parte do livro é o diálogo entre esta mulher misteriosa e o coronel. Neste diálogo versam principalmente sobre questões político-existenciais relacionadas à experiência de Canudos e da jovem república brasileira.

Parte do imaginário de Sándor Márai sobre o Brasil é construído com a matéria obtida da leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Em *Veredicto em Canudos* se verifica esta assertiva tanto na própria narrativa, que se utiliza da paisagem do sertão descrita e estudada por Euclides, como na nota final do livro, em que admite ter lido a versão em língua inglesa da obra de Euclides. Márai, em sua nota, afirma nunca ter estado no Brasil. Este fato torna ainda mais intrigante analisar como sua imagem de Brasil se formulou para dar azo à ficção. Em sua narrativa, não temos o relato do viajante que vivenciou experiências em outro país, mas o navegante das águas do próprio imaginário que, por meio de instrumentos específicos de navegação, consegue direcionar sua embarcação a modo de lograr seu objetivo de não naufragar.

Analisemos algumas passagens que retratam esta plasmação da paisagem sertaneja:

“Era mais um passatempo... como o de nossos vizinhos canadenses e americanos, décadas antes, ao caçar os índios.” (MÁRAI, p. 19). Expõe-se a imagem de um Brasil que considera os norte-americanos (tanto estadunidenses como canadenses) como vizinhos. A própria acepção da palavra vizinho remete a uma distância pequena, seja física ou por semelhança de características. Sabe-se que o Brasil não compartilha muitas características com os EUA e Canadá por inúmeros motivos de natureza cultural e muito menos não compartilham fronteiras físicas, não podendo ser denominados vizinhos.

Um dos pontos imagológicos mais sensíveis da obra e que merece uma atenção maior neste estudo é a imagem do sertão nordestino. O sertão figura no imaginário brasileiro como uma área de extrema miséria, correspondente a todo o interior da região Nordeste brasileira. Além do imaginário quanto à localização física, há o imaginário relativo à cultura *nordestina*, aos sertanejos, que pode ser resumido em uma expressão da linguagem popular: “terra de ninguém”.

Passemos rapidamente a alguns esclarecimentos mínimos sobre o sertão brasileiro, tomando como base o riquíssimo estudo do geógrafo Josué de Castro sobre o Brasil. Em sua obra intitulada *A Geografia da Fome*, com primeira edição em 1946, Josué de Castro mapeia e decifra as principais paisagens que compõem o Brasil a fim de chegar a uma equação final sobre o problema da fome no país. O geógrafo divide o país em cinco macrorregiões: “amazônica, centro-oeste, extremo sul, nordeste açucareiro e sertão nordestino”. Interessam-nos as duas últimas. O nordeste açucareiro (tal denominação é dada pelo fato os colonizadores portugueses se aproveitarem desta área para o intenso cultivo de cana-de-açúcar) corresponde a toda faixa litorânea brasileira a partir do atual estado do Espírito Santo até o estado do Maranhão. Esta área, ao contrário do sertão nordestino, é rica em recursos naturais:

O solo da região, em sua maior parte do tipo massapê (...) é de uma magnífica fertilidade. Solo originariamente de qualidades físico-químicas privilegiadas, com uma grande riqueza de húmus e sais minerais. O clima tropical, sem o excesso de água da região amazônica, com um regime de chuvas, de estações bem definidas, também contribui favoravelmente para o cultivo fácil e seguro de cereais, frutas, verduras e leguminosas de uma grande variedade. (CASTRO, 1959, p. 100).

O sertão nordestino, foco da fome epidêmica⁴⁶ no Brasil, abrange o interior dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Esta região não goza da mesma sorte do nordeste açucareiro e ainda tem contra si as secas, que devastam quase todo tipo de vida ali existente:

Se o sertão do Nordeste não estivesse exposto à fatalidade climática das secas, não figuraria entre as áreas de fome do continente americano (...). Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a vida econômica e social da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada. (CASTRO, 1959, p. 161).

Agora vejamos a imagem do sertão veiculada pelo narrador, ao descrever o ambiente da latada, na ocasião da preparação da coletiva de

⁴⁶ Josué de Castro, em seu estudo sobre a fome no Brasil, estabelece dois tipos de fome: *endêmica* e *epidêmica*. A primeira caracteriza-se por um estado de permanência em certa região, que tem por sua natureza a falta de alguns nutrientes fundamentais para o bom funcionamento do corpo humano. Já a fome epidêmica consiste em surtos que devastam certa região, ocasionando quase sempre a morte.

imprensa: “Destacava-se um senhor de barbas brancas, solene, que trajava um sobretudo negro, colete branco de pique e chapéu-coco – visãõ rara ali na *mata!*” (MÁRAI, p. 35). E em outra ocasião: “A campanha de Canudos, esse escândalo nacional, ocultava-se nas sombras da *mata virgem.*” (MÁRAI, p. 44). O termo “mata” indica de forma expressa uma área completamente coberta por inúmeras árvores e plantas. Aqui se veicula a imagem do sertão como selva, distanciando-se por completo de sua verdadeira característica natural, que é de ser uma área semidesértica. Ao situar Canudos numa mata virgem, talvez Márai tenha consigo, quase que intacta, a imagem do nordeste açucareiro de outrora, que ainda não tivera a mata atlântica devastada pela ação dos colonizadores portugueses com o objetivo do plantio de cana-de-açúcar. Ele toma por sertão o nordeste açucareiro. Também devemos aclarar que há também o sertão mineiro e o goiano, possuidores de características naturais completamente diferentes do sertão nordestino. Na literatura brasileira, temos João Guimarães Rosa como o maior e absoluto poeta do sertão mineiro. Podemos dizer que, numa relação de alteridade, tenhamos que o homem citadino está para o sertão assim como o estrangeiro está para o Brasil.

O sertão ainda é lugar de muito mistério e que por isso possui uma enorme força mítica, povoando o imaginário tanto do brasileiro como do estrangeiro. Euclides da Cunha, com *Os Sertões* inaugura uma imagem poética do sertão brasileiro. A partir de uma plasmação poética constrói um imaginário também poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Josué. *Geografia da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- GALVÃO, Walnice N. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MÁRAI, Sándor. *Veredicto em Canudos*. Trad.: Paulo Schiller. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MELO E SOUZA, Ronaldes. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

SOUSA, Celeste Ribeiro de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Humanitas, 2004.